

Agosto de 2025 / n. 12 a. 15 / ISSN 2525-2704



Periódico literário independente feito em Curitiba-PR desde set/2010

Relevo



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 8.945

R\$ 20 Heloísa Palmieri; R\$ 50 Bibi Cortez; R\$ 70 Guilherme Cruz; Breno Amaral; Rosary Silva Guimarães; Charles Paixão; Maria Clara Arantes; R\$ 80 Elza Filha; Celia Regina Celli; Dina Dominick; Junior Henrique Pereira; Vitor Almeida dos Santos; Zeh Gustavo; Greyce Costa; Erica Paiva Rosa; Guilherme Arnaud; George França; Francirene Oliveira; Alcemir Santos; Daniel Medeiros; Camila Maués dos Santos Flausino; Ronaldo Duarte; Roberto Dutra Jr.; José Alexandre Bastos Pereira; José Carlos da Silva; Flávio Sanso; Jerusa Furbino; Juliana Vilela; Gustavo Martins; Rafael Moretti; Jonathan Leite da Costa; Vitor Cej; Thiago Lamin; Ana Lúcia Vasconcelos; Marcela Matarezi; Vanessa Fagundes; Luiz Antônio Gusmão; Paulo Apgáua; Fernanda Dante; Julia Raiz; Edson Aran; Greyce Helen; Kawanny Tacon; Antonio Chaves Sampaio; Elizandra Sabino Marques; Emanuelle Barioni; Eduardo Souza Lima; Milton Rezende; Bruno Marin; Natalie Fronczak; Ana Carolina Chuery; R\$ 100 Banca Modular; Guilherme Gontijo Flores; R\$ 105 Andrea Barbosa de Andrade; Diego Roiphe de Castro e Melo; Patricia Rojas; R\$ 120 Fabiano Franco Daniel; Milena Lobo Benute Moreira; Bianca Nóbrega; Matheus Rossi; Saul Cabral Gomes Júnior; Ivan Ivanovick; Rodolpho Ramina; Fabiano Favretto; Rafael Capella; Diogo Fernandes Honorato; Constância Duarte; R\$ 140 José Carlos Fernandes; R\$ 160 Antonio Carlos Senkovski; Cristiano Pitt; Wanderson Mosco; Cynara Cypreste; Roney Gomes; Leonardo Barroso; Diogo Richter; Marcelo Oliveira Salles; R\$ 210 Fazia Poesia; R\$ 320 João Moura Fernandes; R\$ 400 Rhodrigo Deda; R\$ 740 Celso Martini.

ANUNCIANTES R\$ 1.270

R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 100 André Giusti; Museu do Livro Esquecido; R\$ 150 Samya Santos; Priscila Figueira; R\$ 300 Marlon Reis & Estorilio; R\$ 400 Maniacs Brewing Co.

CONSULTORIAS R\$ 900

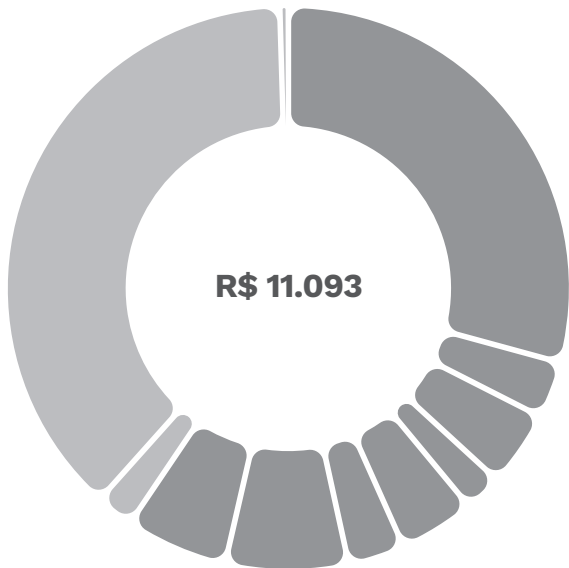
DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS

Correios R\$ 3.428
Transporte R\$ 200
Domínio mensal R\$ 45

CUSTOS FIXOS

Gráfica R\$ 2.830
Escritório R\$ 300
Editor-assistente R\$ 400
Serviços editoriais R\$ 200
Serviços gráficos R\$ 400
Serviços logísticos R\$ 300
Mídias sociais R\$ 650
Colaboradores de julho R\$ 600
Editor-executivo R\$ 0



O AGIOTA TÁ BATENDO NA PORTA, RAPAZIADA

Entradas totais: R\$ 11.115
Saídas totais: R\$ 11.093
Resultado operacional: R\$ 22



EXPEDIENTE

Agosto 2025

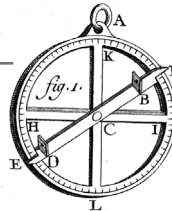


Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Rafael Maieiro
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau

Edição finalizada em 29 de julho de 2025.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Paulo Apgáua. Você pode conferir mais do trabalho dele em [insta.com/pauloapgaua](https://www.instagram.com/pauloapgaua)



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Basteleur, desenvolvida por Keussel (França) e disponibilizada pela fundição Velvetyne.

ASSINE / ANUNCIE

O RelevO não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



CARTAS

BELEZAS NO ESPAÇO-TEMPO

Paula Zarth Padilha · Oi, Jornal, como vai? Quero contar três coisas sobre minha assinatura: que a questão do reembolso foi finalizada com sucesso, que recebi o primeiro envelope no endereço novo e também relatar uma situação que vivenciei com minha filha de 12 anos. Semana passada, recebi duas edições do **RelevO** aqui na nova casa, maio e abril, e eu faço coisas parceladas, do tipo receber o envelope num dia, abrir no dia seguinte, começar a ler dois dias depois — porque sou mãe de um bebê grande de dois anos — e então minha filha de 12 anos, em férias escolares e por esse motivo mais tempo em casa e menos tempo trancada no quarto, sentou ao meu lado no sofá enquanto eu tirava jornal do envelope. Ela não perguntou “o que é isso?”, mas parecia é impressionada que isso existia:

- no seu tempo, você gostava de ler jornal?
- sim, filha, é por eu gostar de ler que queria escrever e sou jornalista!
- posso ver? (pegou), o que é isso?
- eles fazem uma prestação de contas em forma de gráfico para relatar os valores que recebem e os custos.

(Começa a rir)

- cartas? Eles recebem cartas?
- é, mas aí tem e-mails, relatos nas redes sociais, não sei se cartas...
- que legal, vou pro meu quarto.
- quer ler? Recebi duas edições, estou lendo essa, você pode levar a outra pra ler quando quiser e depois a gente troca.
- tá.

Então, ela foi com o jornal e eu fiquei pensando em quão distópico é o momento que um jornal impresso vira uma peça de outros tempos, só que existindo agora e surpreendendo uma pré-adolescente, que obviamente já tinha me visto ler jornais durante o crescimento dela, mas por algum motivo não lembrava. A minha, no caso, é também uma leitora de livros compulsiva, nas horas vagas que não está estudando na escola ou jogando online em tablet, celular ou assistindo suas fontes (TikTok e YouTube) na TV Smart. Obrigada pelo **RelevO** existir. Esse momento ao mesmo tempo triste, mas poético e bonito, chegou num espaço-tempo difícil que vivo na convivência com minha filha e me deixou cheia de esperanças que alguma coisa boa eu acertei com ela. Bom final de semana para nós.

Fernando S. Bakun · Oioi, tudo bem? Escrevo poesias, crônicas, ensaios e livros acadêmicos. Minha última publicação é sobre justiça de transição e desaparecimentos de pessoas do período ditatorial brasileiro. Chama-se “Quem foi que chamou o senhor aqui? Clamor e Brasil nunca mais — uma análise sociológica”. Mas isso fica apenas como apresentação. Curiosamente, passando pelo Beco do Zé Moura (aqui em Tiradentes) hoje, 24 de julho de 2025, em busca de pão na Padaria do Padre Toledo, vi apenas um beco de pedras e gravuras nas paredes. Mais

tarde, por volta das 10h, voltei a passar pelo beco com minha família, carregava minha filha de 1 ano e 3 meses no colo quando avistei no chão um jornal chamado **RelevO**. Dobrado como quem o carregava no bolso da calça, provável que caíra despercebido no chão. Desde então, o Jornal passou a me acompanhar no bolso da frente da calça jeans. E lendo e relendo mais de duas vezes as seções informativas, deparei-me com a possibilidade de também publicar no distinto jornal. Atenciosamente, Fernando.

Nathalia Fronczak · Parabéns pelo Jornal. Estou apaixonada por ele e realmente ansiosa pelos próximos.

Raphael Cerqueira Silva · O **RelevO** perguntou, na edição de maio (que só me chegou às mãos em julho porque os correios continuam pontualíssimos como britânicos caquéticos): Anda vendo coisas? Sim. Eu respondo sim, com enfado e tristeza: continuo vendo filhas da puta promovidos a chefes e sanguinolentas autoridades fazendo o que fazem de melhor: sugar o erário.

RosiD · Bom dia! Obrigada pelo envio do jornal como prometido. Eu nunca havia tido a oportunidade de ler um jornal físico e também não imaginei que chegaria até mim em Amargosa-BA. Venho parabenizá-los pela linda edição e conteúdo do jornal. Mais uma vez, obrigada pelo carinho e consideração.

Leonardo Barroso · Eu apoiei o trabalho do Jornal porque as palavras que vocês escrevem fazem barulho dentro de mim como chinelos em corredor de hospital abandonado. Há um caracol no teto da minha sala que só se move quando leio suas edições — e isso basta para acreditar que algo maior está acontecendo.

Rinaldo Batista Pereira · Recebi hoje minha edição de julho de 2025. Olhei para o envelope pardo. Meu nome numa pequena etiqueta branca. O remetente em dois carimbos, mais o carimbo do pangolim mascote. É tudo tão simples para um jornal tão culturalmente importante. Sinto-me um abusador em pagar pouco por um ano de entrega do jornal físico. Poderia ler no digital? Poderia. Mas não é o mesmo. Folhear o jornal é um fazer cultural. Simplesmente isto. Pegar o envelope do chão da garagem, olhar e abrir o envelope, tirar de dentro o jornal e me surpreender com a capa. Aliás, a capa de julho está fenomenal. Adoro gatos e sua espiritualidade. Um gato negro nadando. Só o **RelevO** mesmo.

UM DIÁLOGO

Jornal RelevO · Tudo bem, Bernardo? Deu certinho da nossa assinatura? Quando puder, manda o seu endereço com CEP pra gente. Aí já faremos o seu primeiro envio do jornale. Um grande abraço.

Bernardo · Vou precisar enviar meus trabalhos para podermos negociar. Quanto vocês tão pagando por Lauda?

RELEVO MOMENTOS

Eduardo Canesin · Fala, galera! Pô, justo quando decido publicar um texto sem pseudônimo no RelevO, atribuem a autoria errada, kkkk. O autor do ensaio “O caminhar de Benjamin, Thoreau e Kerouac” é Eduardo Canesin, eu, não Leonardo Meneghini de Oliveira, rsrs. Aquele abraço.

Célio Borba · Gostaria de sugerir à Prefeitura de Curitiba, que a faixa cicloviária, recém-implantada na Avenida Prefeito Erasto Gaertner, no bairro Bacacheri, receba a denominação de Nelson Rabello, nosso querido amigo Oil Man, que morreu em 29 de março passado. Nelson, nosso ícone personagem-atleta, morou neste bairro há mais de 40 anos, ali cresceu, estudo, se formou como docente na área de Biologia, e foi professor por muitos anos no Colégio Leôncio Corrêa, escola em que também foi estudante. Morou na Rua Estados Unidos, duas quadras da Avenida Erasto Gaertner, rua em que fez parte de toda sua vida, juntamente com seus pais. Uma justa, e singela homenagem, por parte da municipalidade, se este espaço cicloviário fosse oficializado com seu nome, em forma de placa, ou escultura, para sempre ser lembrado pela cidade, ciclistas e toda comunidade, em especial do bairro onde ele viveu; e teve sempre ali, um laço imensurável de fãs, amigos e admiradores.

Pedro Franco · Jornal que dá sentido! Na mesma proporção que a vida anseia por likes, a alma clama por silêncio (nem todas). A vida sendo vivida por feixes de luzes. Um labirinto pixelado. Eu estava pensando aqui que existem milhares de influenciadores digitais. No entanto, a vida roga por desenfluenciadores. Acho que esse termo não existe no idioma. Assim, tento criar algum significado para esse verbete, vejamos: desenfluenciadores: aquele que não influencia por meio de tela. Aquele que desestimula o consumo desenfreado, que despromova qualquer coisa que bata de frente com a promoção das relações humanas. Aquele que critica a busca da perfeição corporal, por meio da nova dieta ou do uso incorreto de medicamentos. Aquele que faz a diferença. Aberto a interpretações. Obrigado, Jornal.

Poliana Catarin · Olá! Recebi o Jornal de junho acompanhado da edição de maio! Agradeço a gentileza! Em tempo: sim, estou gostando muito do Jornal.

Henry Capelossi · Bom dia, Jornal. Tudo bem? Há uns poucos meses enviei um texto para possível publicação. Espero que me recusem. Reli ele ontem à noite e achei uma merda completa. Acredito no trabalho social (involuntário) de

vocês em fazer essa classe chamada escritores repensar a sensação pulsante de ser o sal da terra. A coletânea de cartas da edição de Junho está fenomenal, parabéns! Um abraço,

Raissa · Sobre os textos de vocês, leio maravilhada com o jeito que escrevem e com um sorrisinho no rosto, gostoso demais mds.

Bianca Nóbrega · O **RelevO** é um primor!

Marcia Arantes · Ainda vou voltar a assinar, é que ainda não me recuperei do golpe financeiro que foi ficar desempregada.

Dan Ronconi · Eu sou mesmo uma “Relevete” ou “Relevita”, uma espécie de paqueta do Jornal. Ou “Relever” para a Geração Z. Faço propaganda, tietô, publico no story. O que eu ganho com isso? Só quero vida longa a esse periódico.

Nostalgia Sebo e Livraria · Pessoal, saiu no jornal! Somos ponto de distribuição do **RelevO**, um periódico literário publicado desde 2010. Ainda temos algumas edições de julho disponíveis (é gratuito). Mande um direct para combinarmos a retirada.

Denis Barbosa · Sabia que dá para assinar um jornal mensal em pleno 2025? E ainda por cima é filosófico, que traz muito valor agregado, o nome é **RelevO** e estou passando pra vocês como dica valorosa: vai lá conhecer o trabalho deles e, se decidir deixar um oi, fala que conheceu o Jornal por aqui, a divulgação aqui é gratuita pois realmente acredito no projeto e apoio coisa boa.

Felipe Petri · Achar um **RelevO** e poder levá-lo comigo é uma das alegrias da minha rotina! Esteja plenamente registrado!

Bruno Greggio · “O OTIMISTA É UM FATALISTA QUE NÃO SE RECONHECE COMO TAL”. Que não se diga que não dei minha contribuição para o Verbo nacional. (Quanto à carne, não me cobrem: não prometi nada). E, se acharem pouco, lembrem-se: se for para dizer bobagem, que seja breve. Está na edição de maio do Jornal. Que eu recomendo muito que vocês assinem. Sério. Chega por correio antes de ficar disponível online. N.B.: Essa é minha única contribuição autêntica nesse número. Qualquer outra é apócrifa, ou cochilo de editor, ou entusiasmo de fã que já quer me colocar no panteão ao lado de Clarice Lispector antes mesmo que eu publique meu “magnum opus”. Porque é para isso que servem os deuses: para lhes atribuírmos coisas que não disseram ou escreveram.

Giovana Erthal · Coisa linda esse Jornal.

Julio Tauil · Pô, que capa brilhante.



EDITORIAL

Tirem os esqueletos da sala que está passando o maior impresso da nossa rua

No fim de junho, anunciamos o aumento no valor das assinaturas — de R\$ 70 para R\$ 80 na categoria básica — e, para surpresa da equipe, a resposta foi extremamente positiva. Recebemos apoio, carinho e novas assinaturas, além de renovações antecipadas e mensagens incentivadoras dos leitores. Esse reforço financeiro garantiu o primeiro superávit de 2025, que foi revertido na ampliação da distribuição do Jornal. A nova edição traz, na página 23, o Mapa de Distribuição atualizado: o **RelevO** agora chega a quase 300 pontos de distribuição. A proposta é ampliar o acesso e convidar mais pessoas a participar dessa estranha, porém insistente, experiência impressa, à beira de completar 15 anos em setembro.

Aliás, também por conta disso e daquilo, temos novidades diagramantes.

De fato, o ofício da diagramação se descreve, em linhas gerais, como a aplicação de conhecimentos tipográficos na disposição de elementos textuais, pictóricos e esquemáticos em um suporte, seja ele destinado ao impresso ou ao digital. Tal afazer varia um tanto, em espírito, conforme a natureza do material a ser diagramado. Para o **RelevO**, a diagramação é uma negociação entre a quantidade de texto para cada página e os demais elementos que precisam dialogar com ele: as ilustrações dos artistas convidados, os anúncios e o que mais for surgindo de surpresa. O desafio do diagramador é tentar deixar cada elemento “respirar”: organizar tudo que se destina ao retângulo de 28 por 32 centímetros, respeitando as margens e os espaços em branco que geram o equilíbrio que tanto agrada aos leitores (dizem).

Não há muito segredo em relação a esse aspecto. As estrelas do show serão sempre os textos, em seu conteúdo, e as ilustrações. São poucos os elementos gráficos que

os acompanham pelas páginas. Um ou outro fio separador, alguma criatividade na hora de criar numerações de capítulos ou subtítulo e pronto. Na página 2, com a ajuda do Flourish, trazemos também alguns gráficos. Há poucos ícones, usados para representar as se-

ções fixas do periódico. A caneca de café quente representa o editorial, embora um copo de uísque seria mais fidedigno. O guarda-chuva protege o ombudsman das possíveis bolinhas de papel arremessadas pelos leitores. O conselho editorial ganhou um ícone também: um óculos, porque eles precisam ler coisas e isso cansa as vistas.

Por muito tempo, usamos a fonte Bembo para compor o corpo de texto. Essa era a fonte que conferia materialidade aos contos, poemas e ensaios enviados pelos autores. Uma bela fonte de estilo renascentista: serifada, com leve angulação para a esquerda em seu eixo compositivo, com algarismos oldstyle obedecendo às linhas de ascendentes e descendentes do restante dos outros caracteres. Seu desenho contemporâneo foi elaborado pela fundição britânica Monotype nos anos 1920, buscando como inspiração os traços do tipógrafo renascentista Aldo Manúcio, que desenhou várias letras para sua oficina de impressos localizada na Veneza do século 16.

A versão da Bembo empregada pelo Jornal tinha apenas quatro variações: regular, itálico, negrito e itálico-negrito. A partir da edição de agosto, a Bembo dá lugar à fonte Newsreader, desenvolvida em 2021 pela equipe da fundição parisiense Production Type e distribuída a partir dos critérios da iniciativa Open Font License (v.1.1). Isso significa que o **RelevO** é livre para usar seus estilos em composições impressas e digitais gratuitamente. A Newsreader tem 3 famílias de fontes, com 14 estilos cada uma. Isso nos dá uma considerável liberdade para explorar composições, combinando itálicos e regulares com diferentes pesos, engrandecendo a diversidade visual dos textos dos nossos autores.

Os títulos dos textos, por outro lado, não tem uma fonte definida porque estamos já há algumas edições fazendo experimentos. Cada novo volume elege um ou mais estilos para personalizar os títulos. Um pequeno *disclaimer* na página 2 traz os créditos para os tipógrafos escolhidos. Acreditamos que isso dá a cada edição um tempero próprio.

O Jornal ainda conta com uma fonte auxiliar, usada para legendas, cabeçalhos, nomes de autores e demais informações que acompanham os textos. Até o momento, a face tipográfica Avenir era a escolhida para o papel. Desenhada nos anos 1980 pelo famoso designer Adrian Frutiger, essa fonte é uma releitura da Futura, uma letra popular desde o início do século 20 e de autoria de Paul Renner. A Futura trazia formas

geométricas para suas letras, respeitando um estilo minimalista no qual a economia dos traços simbolizava uma busca por uma suposta eficiência comunicacional — um espírito da “forma que deve seguir a função” que ditou muitas das decisões dos designers modernistas que optaram por eliminar serifa e modulações de traços presentes nas letras que estavam desenhando. A Avenir tentava respeitar essa tradição ao mesmo tempo, em que resgatava a organicidade das letras humanistas que a precederam.

Agora, o **RelevO** substitui a Avenir por uma família de fontes chamada Work Sans, projetada pelo tipógrafo australiano Wei Huang em 2020. Wei Huang acredita que desenhar letras é uma forma de meditação. A grande vantagem da Work Sans é que, ao mesmo tempo em que mantém as características das fontes grotescas (o aspecto geométrico e a baixa modulação dos traços), ela faz uso da tecnologia das fontes variáveis. A maioria dos softwares de composição de layout, hoje em dia, permite manipular fontes variáveis a partir de comandos numéricos. Ou seja, a Work Sans é configurada em valores que vão de 100 a 900, representando diferentes pesos. Isso permite que a utilizemos de formas bastantes diversas, tornando-a extremamente versátil. A Work Sans também é disponibilizada por meio da Open Font License.

Essa padronização tipográfica, quando aplicada nas páginas do **RelevO**, obedece a um grid de 12 colunas, que se adapta para receber textos em duas, três ou quatro colunas, dependendo da sua densidade ou tamanho. O importante, nessas horas, é tentar manter uma identidade entre as páginas, para não deixar o leitor perdido achando que um texto está com alguma parte faltando ou que seu jornal veio incompleto. Não eliminamos a possibilidade disso acontecer, claro, mas é importante que, em termos de diagramação, não restem tais ambiguidades.

O último elemento que compõe o projeto gráfico do Jornal são as pequenas gravuras que aparecem acompanhando os números das páginas, no cabeçalho, ou também, muitas vezes, ilustrando os textos das páginas centrais. Trata-se de imagens de jornais, livros e revistas que caíram no domínio público e estão disponíveis em bibliotecas digitais gratuitamente. Após um rápido tratamento, elas estão aptas a compor as mensagens secretas que estou tentando enviar aos meus colegas foragidos por meio das páginas deste impresso.

Ufa! Tudo gira ao redor de esqueletos.

Uma boa leitura a todos. ®



APOIADORES



MARLON REIS
& ESTORILIO
A D V O C A C I A



BANCA TATUÍ

bancatatuí.com.br / Desenho por Ângela León



BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS



EDITORAMÓINHOS
.COM.BR

@EDITORAMÓINHOS

Panelinha furada

Entrevista com Zeh Gustavo, o ex desta coluna

Rafael Maieiro

Meu irmãozin, seguinte: o RelevO é um pasquim muito necessário, né? O doido do editor faz o corre de editar um impresso independente, sobre literatura, em plena barbárie. Diga aí... ZEH GUSTAVO (ZH) – Deixa de ser puxa-saco, cara! Não percebe que é tudo narcisismo do editor? Que se a terapia estivesse em dia, este jornal já tinha ido pro saco, ou pra internet? A gente embarca porque tá na mesma merda dessa inadequação de sermos uns desnaturados que nem se esforçam para malhar o intelecto no que realmente interessa, ou seja, publicar em revista padrão A1 na Sucupira, quiçá fazer aquele pós-doc sanduba e torcer pra depois não virar Uber.

Pois é... Tem aquele rapaz da paçoquinha que diz coisas bonitas sobre livros numa canção. Taca até um pela janela, lembra? Cult. O foda é receber um calhamaço no meio do cucuruco, do nada. Me diga: livros com asas ou um livro na cabeça desvoando de um edifício?

ZH – Muitas referências aí juntas, deixa eu *processar* (a-do-ro! estes terminhos sacanas da moda!). Não lido com amendoins em geral. Livro com asas, sempre. Livro-pombo. Que coma do lixo. Já os edifícios, eles também desabam, como diz a sambista Patativa (do Maranhão). Ela bem viu isso acontecer, e muito. Canto sobre, inclusive – mas você, como bom amigo, só vai ouvir uma vez meu disco e olhe lá!

Esta coluna é (ou seria) a Ouvidoria do jornal, o espaço do tal do ombudsman. Atualmente, eu. Tu já pegou esta tarefa. Mas acho que só dois leitores entenderam isso, conheço um, o tal do Jurupinga. O que é esse troço de ombudsman?

ZH – Momento *emocionado* (ó o narcisismo aí, gente!): pra mim, foi um sonho realizado. Mas é um fóssil, mesmo no RelevO. Ou quase isso. Eu tive somente uma coluna com boa repercussão dos leitores – porque, em sua maioria, são também autores, e nela abordei a temática da naturalização da figura do autor-pagador. Voltando ao fóssil: a comunicação real, ela quase acabou, neste mundico hiperconectado-hipossensível. Fica quase uma Ouvidoria sem reclamantes. Uma pena.

A vida é dura
perdura
mas dura
verde
podre
madura

Ainda, sim, sem cura
ela bate asas às lagartas
reinventa o ciclo vital das moscas
diariamente?
namora o sorriso do poste de luz
quase pisca sem parar no subúrbio
dos corações

Um passeio pelo abismo da palavra sem
fazer dele uma morada cinco estrelas
será um chamado para a canção?

Responda em versos, rs

ZH – Eu? Tô fora! Ando praticando o detox. E com aquele *olhar vazio, nenhum sinal de emoção* da música do Paulinho da Viola [*Não quero você assim*], então a coisa da poesia, aí ela emperra. Justo quando a vida emperrou, de fato. Deve ser da velha e antiquada dor de amor. Que hoje chamam *luto*. Luto pra lá, luto pra cá... Deve ser efeito do tal *ciclo vital das moscas* de que você falou.

Este poema é nosso ou do RelevO, já que ele não paga as nossas contas?

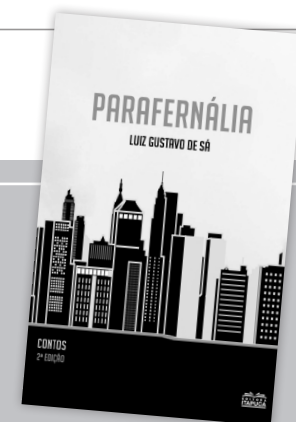
ZH – É teu! E na conta do editor. Nem te indiquei!

Arruma um BO com os leitores do RelevO por mim? Nossa amizade vale isso?

ZH – Só de tu me entrevistar pra deixar de falar dos textos da edição passada já não dá um beozinho não?!

Vamos comprar uma canoa furada?

Uai, não estamos, já, todos, aqui ao menos, nela?! E, paradoxalmente: sequer, mais, conseguimos afundar. Vamos boiando. E tentando, em geral inutilmente, desviar da pedraria posta no trajeto, enquanto vemos o mundo que nos forjou como tais – para o bem, para o mal – ir secando devagar.



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

Parafernália (2a Edição)

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 39,90

118 p., Itapuca, 2025

editoraitapuca.com.br/pd-9787e7-parafernalia-2a-edicao

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



YouTube: @EditoraLitteraLux Facebook: /litteraluxeditora Instagram: @editoralitteralux Email: litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

você tem
um livro de poesia?

nós temos
seus leitores

envie um email para
contato@fazia poesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



A cabeça de Francis Bacon flutua na praia de Copacabana

Daniel Amorim

O prédio estava localizado no ponto de fuga entre um supermercado e uma sex shop. A primeira coisa que vi foi a janela do 12º andar enfeitada com lâmpadas coloridas, uma miniatura de Papai Noel escalando o barbante pendurado na varanda. Subi as escadas (o elevador estava com defeito) apoiando as mãos nas paredes cobertas de umidade que formavam cânions de tinta descascada. Ruído de painéis de pressão em quase todos os andares. Cheiro de feijão e roupa molhada. Gritos de mães desesperadas com as férias escolares. Exausta depois da viagem de metrô, coloquei a mala de rodinhas no chão e enfiei a chave na porta já aberta.

O apartamento recendia a sândalo. No meio da sala, a escrivaninha com a estátua de Kali, um porco de gesso com uma ranhura no dorso, moedas de cinco cruzeiros. O espólio do antigo dono, um antiquário derrotado pela esquizofrenia. A família assumiu os trâmites do aluguel quando o velho deu sinais de que colocaria fogo no apartamento para se proteger da invasão alienígena. Os noticiários norte-americanos, os únicos em que o velho confiava, exibiam imagens de OVNI's registradas pelos órgãos de defesa nos céus de Oklahoma.

Parte dos móveis e aparelhos já havia sido trazida no caminhão-baú da transportadora que contratei por uma pechincha. Logo descobri o motivo. Os funcionários trabalhavam de porre e nem se preocupavam em vestir uma camiseta ou calçar sapatos para executar o serviço. Falavam palavrões e contavam piadinhas maliciosas como se eu não estivesse ali, monitorando o sobe-e-desce de móveis e caixas.

De resto, um apartamento estilo vintage, com guardas-roupas embutidos nas paredes e piso de tacos. Varri os cômodos, limpei janelas, removi teias de aranha nos cantos das paredes. O banheiro estava habitado por moscas em miniatura, camadas de sujeira se estendiam nas reentrâncias dos azulejos e no chuveiro. Nem o esforço intenso que apliquei na mistura de sabão, vinagre, bicarbonato de sódio foi suficiente para removê-las. Desisti. Apaguei no sofá ainda com a roupa molhada enquanto Ella Fitzgerald entoava seu calvário sentimental no DVD player.

Sonhei que o velho antiquário me acariciava no banco de um parque ensolarado, onde

crianças brincavam de pega-pega e velhinhas sopravam bolhas de sabão vestidas em maiôs amarelos. Ele enfiava os dedos embaixo do meu vestido de renda com os lábios curvados para dentro da boca, um disfarce inútil da dentadura inexistente. Acordei enquanto tentava descobrir minha própria idade.

A primeira coisa que vi foram as telas enfileiradas sob a janela. Precisava encontrar um jeito de tirar alguns trocados dali. Anos de investimento em cursos e materiais de pintura, elogios de amigos e familiares, um burburinho efêmero nas redes sociais por conta da decoração de uma cafeteria *pet friendly* — que fechou as portas dois meses depois — para acabar no esquecimento. Contas atrasadas, nenhum freela de projeto gráfico à vista. Intensifiquei a rotina de meditação guiada no *streaming*.

O senhorio do antigo apartamento resolveu aumentar o valor do aluguel, então meu salário de professora de artes numa escola primária mal cobriria os gastos básicos e o aluguel. Meu novo refúgio localizava-se numa área boêmia do Centro da cidade, ao lado de um bloco de apartamento ocupado por imigrantes venezuelanos — a maioria negros — que promoviam rodas de samba e churrascos aos sábados e domingos no terraço do edifício. Às vezes acordava de madrugada com a farra a todo vapor e tinha dificuldades para voltar a dormir.

Numa esquina, do outro lado da rua, ficava o bar do senhor ranzinza que alugava o cenário para gravações de comerciais e vídeos. Com os braços cruzados, ele observava em silêncio o trabalho dos atores, operadores de câmera e contrarregas. A arquitetura retrô do local inflamava a cobiça de gente rica e metida a visionária: pé direito alto, portas de madeira e caretas de anjos barrocos na parte superior das fachadas. Senti uma melancolia difusa quando entrei ali pela primeira vez — os espaços entre as mesas e a altura do teto eram enormes, o dono resistia à ideia de encurtar distâncias e aumentar a clientela.

Estudei o perfil dos frequentadores enquanto bebericava uma cerveja morna: velhos descendentes de italianos que viviam há décadas no bairro e jovens sem um puto no bolso que tentavam cativar a atenção dos velhos descendentes de italianos para faturar uma dose de cachaça ou meia grade de cerveja,

na melhor das hipóteses. Entregadores de comida por aplicativo que carregavam enormes caixas de isopor no equilíbrio precário das bicicletas. Percorriam ladeiras, atravessavam as quebradas sob o olhar aterrorizado dos moradores que escondiam celulares e carteiras dentro da cueca. Magricelas e mal vestidos, eram a única esperança de mães, esposas e avós, que às vezes faziam vista grossa para a origem do dinheiro que entrava em casa.

Um senhor se aproximou do balcão e pediu uma carteira de cigarros ao atendente. Sorriu para mim no melhor estilo cafajeste, uma mistura de Jean Paul Belmondo e Jece Valadão, enquanto acionava o isqueiro. Esses filhos da puta não entendem caralhos de futebol, declarou, apontando para um grupo de entregadores que bebiam refrigerante e comiam queijo coalho embebido em limão. Onde já se viu defender a escalação fuleira dessa zaga do Palmeiras, prosseguiu com a voz de nicotina.

A falta de traquejo do senhorzinho na arte do galanteio me gerou um calafrio de piedade. Sem nenhuma ideia de comentário espirituoso ou piada à altura, me limitei a sorrir. A moça torce para qual time?, perguntou, enquanto abafava uma tosse com a mão fechada, como se estivesse preparando um soco. Sou rio-negrina, respondi. O velho buscou a referência nos arquivos mortos da memória. Rio Negro, de Manaus, Amazonas, esclareci. Ah, rebateu, com um tapa na testa. Isso porque morei no Centro da cidade e a sede do clube, um antigo cemitério indígena, ficava perto de casa, expliquei. Fora isso, não entendo bulhufas de futebol, acrescentei, mas acho interessante as negociatas para compra e venda de passe dos jogadores, os lances e toda a intriga envolvida, parece história de mafioso.

E a moça é nova por aqui?, perguntou o velho. Disse que morava na cidade há alguns anos e mudei para o bairro porque precisava cuidar da minha mãe, que convalescia de uma retirada de catarata. Os custos do procedimento e dos remédios eram caros, a cirurgia fora bem sucedida, porém a degeneração macular na córnea era irreversível. Felizmente, ela conseguiria fazer as tarefas diárias e pegar ônibus sem muita dificuldade, no entanto, o orçamento estava apertado e precisava vender algumas

telas em óleo para ajudar a pagar as contas, o senhor estaria interessado?, disparei, quase perdendo o fôlego.

De saída, abri a pasta de fotos do celular e mostrei as pinturas. Ele debruçou-se, apertando os olhos, enquanto eu falava sobre influências e o processo criativo. Gostaria de vê-las pessoalmente, disse o velho, observar os detalhes, se é que você me entende, o seu ateliê fica onde? Xequemate. Lembrei do spray de pimenta caseiro que carregava na bolsa. Salvei o número na lista de contatos: Adroaldo, prazer. Combinamos de nos encontrar no meu apartamento no dia seguinte, no final da tarde. Tempos difíceis exigem decisões arriscadas, afirmaria um guru do LinkedIn.

Em seguida, pediu licença, precisava voltar para casa porque também tinha “uma criança com rugas no rosto e cabelos brancos para cuidar” — a esposa, que sofrera um derrame e se locomovia numa cadeira de rodas. Fui a última cliente a sair. Nas calçadas, perto das latas de lixo, seres de carne e osso se metamorfoseavam em fantasmas sob o efeito dos cachimbos de crack, da bebedeira e dos meus óculos de grau defasado.

*

A mensagem que enviei no horário do almoço para confirmar a visita sequer chegou ao destinatário. Imprimi imagens das telas em papel couchê tamanho A3, emoldurei e saí oferecendo nos bares e restaurantes. *Boa noite, gostaria de dar uma olhada no meu trabalho? Uma ótima opção de decoração para a sala, quarto ou escritório, pode conferir sem compromisso.* Vendi apenas duas telas para um casal de turistas alemães. Era simpáticos, tinham as bochechas rosadas e, enquanto avaliavam cada detalhe das imagens com o nariz colado nas molduras, me imaginei na condição de filha adotiva que morava numa casa de dois andares, afundando os pés em montes de neve no caminho do supermercado.

Com o dinheiro, pedi cervejas e uma porção de pastéis de carne seca. A exemplo do meu pai, gostava de beber sozinha, admirando as luzes, os arranjos-céus, as nuvens em tom alaranjado desmaiado no céu noturno, o redemoinho de homens, mulheres, crianças e adolescentes que subiam e desciam as calçadas e influenciavam minhas obras.



Agora, um segredo: a cereja do bolo ficava por conta das substâncias alteradoras de consciência – cogumelos, ayahuasca, LSD – que ingeria antes de pincelar o rascunho na tela em branco.

Ok, admito, é uma solução para os preguiçosos e covardes, uma *muleta*, diriam os monges e psicólogos, porém não posso negar que o resultado, modéstia à parte, é um verdadeiro assombro. Minha marca registrada são os rostos derretendo sob o efeito da bomba atômica, da fome, do desespero e de sentimentos mais nobres como o amor, em parques de diversões, plantações de girassóis, praias e bases de lançamento de foguetes em algum deserto nos Estados Unidos, cenários que me hipnotizavam desde a infância. Passava tardes inteiras esmiuçando fotos da revista *Time* que papai recebia de cortesia dos clientes do escritório de advocacia. Às vezes acrescentava um toque de homoerotismo surrealista e frases pinçadas das redes sociais, baboseiras que mobilizavam a atenção de gente fútil e irrelevante para depois serem descartadas no buraco negro da internet.

Adroaldo respondeu minha mensagem dois dias depois. Desculpou-se pelo atraso, alegando que a esposa sofrera uma crise nervosa, a imobilidade a irritava (*era uma mulher ativa, disputava maratonas na juventude*, explicou), e nessas situações críticas dedicava total atenção a ela. Ele apareceu no mesmo horário marcado. Vestia-se como um bicheiro: camisa de linho, calças vincadas e sapato social. Uma aura de loção pós-barba pairava em torno dele. Os fios besuntados de gel deixavam à mostra ilhas de couro cabeludo queimadas de sol. E sua mãe, está bem?, perguntou, solícito. Apontei as pantufas que havia colocado diante da porta do quarto de hóspedes, onde acomodei meu patrimônio. Está dormindo feito um recém-nascido, expliquei, os remédios a deixam nocauteada. Entendo, disse Adroaldo.

Para a minha surpresa, exibiu conhecimentos de história da arte e técnicas utilizadas pelos mestres enquanto avaliava as telas, num tom professoral que denunciava que havia feito pesquisas na internet. *Não queria fazer feio com a novinha*, diria um internauta. Por fim, escolheu minha tela favorita, *Francis Bacon batendo asas sobre o abismo de Copacabana*, que produzi após uma viagem com colegas de faculdade turbinada por DMT e uísque barato, pela qual fez questão de pagar um valor extra. A negociação fora auspiciosa. Convidei-o para um lanche de polenta frita com café, meu lanche favorito.

Corta. Próxima cena.

Adroaldo resfolegava em cima de mim, o suor gotejando dos pelos grisalhos no meu

rosto. Arreganhava a dentadura amarela e rosnava feito um animal capturado numa armadilha, num arroubo de tesão incontrolável, presenteando-me com hálito de cafeína, cigarro mentolado e perdigotos. Daquele ângulo, esmagada entre o corpo e o sofá, percebi que era uma versão *hipster* de Paulo Cesar Pereio, como se o falecido ator houvesse recebido uma intervenção de procedimentos estéticos e uma consultoria de moda.

Adroaldo soltou um gemido e desabou ao meu lado.

Ficamos em silêncio, observando o painel da TV enfeitado com duendes e bonecos dos personagens de Star Wars. Então você é uma nerd, atacou Adroaldo. Não, não chega a tanto, rebati, são apenas objetos de decoração que contam com o meu afeto, expliquei. Na minha época, prosseguiu, indiferente ao comentário, ser chamado de nerd era a pior ofensa que um jovem poderia receber. Eu usava óculos de aro grosso, que hoje também virou modinha, seis graus de um lado e sete de outro. Curtia rock 'n' roll enquanto os meus coleguinhos ainda assistiam a Pokémon e Dragon Ball Z, mas infelizmente as meninas te achavam um bobão, você acabava fazendo a tarefa de casa delas na esperança de ganhar um mínimo de atenção e, quem sabe, um elogio, enquanto apanhava dos valentões que batiam ponto na academia e tomavam asteroides como se fosse goma de mascar.

Goma de mascar. Asteroides. A escolha de vocabulário e as referências a programas de TV denunciavam que Adroaldo emprestou aquele discurso de alguém ao menos 20 anos mais jovem, um sobrinho ou filho de amigo, alguém que, de fato, havia sido vítima de ofensas e agressões nas escolas por sofrer de miopia e astigmatismo e, talvez, assistir a filmes B de ficção científica em VHS e curtir programação de computadores. Então levantou-se, vestiu as calças e a camisa antes de pegar o celular. Estou passando um dinheirinho para ajudar o tratamento de sua mãezinha, disse. Despediu-se com um abraço afetuoso.

Dinheirinho. Mãezinha.

À noite, retomei a peregrinação na zona boêmia. Um garçom tentou me expulsar com palavras dóceis, girando um pano imundo como um maldito flanelinha. Engoli o palavrão e segui em frente. Ninguém parecia interessado em obras de arte contemporânea, angústia e melancolia eram sentimentos fora do vocabulário das celebrações de fim de ano, a maioria dos clientes estava embalada pelas festinhas de amigo oculto, pelo 13º



salário e pela azaração entre os colegas da firma ao som de pagode e sertanejo eletrônico.

Acabei enchendo a cara com a grana que recebi pela venda da tela em que a cabeça decapitada de Francis Bacon flutuava na praia carioca, arruinando de saída o plano de fazer uma reserva financeira para tempos difíceis. Por outro lado, não senti a habitual paz de espírito enquanto bebia uma cerveja e mastigava pedaços de manjuba sozinha. Minhas tentativas de estabelecer um diálogo com homens e mulheres por meio do contato visual fracassaram. Triste e melancólica, voltei ao restaurante onde havia sido expulsa, pedi um coquetel de camarão com fritas e uísque, os dois itens mais caros do cardápio, que revezei em doses e garfadas sem tirar os olhos do garçom arrogante. Ele movimentava-se com desembaraço entre as mesas num terno de cor branca mal ajustado. A gravata borboleta dava um ar de personagem de programa de auditório dos anos 1990.

Eram quase duas horas da manhã e restava apenas um casal de meia-idade. O homem sussurrava galanteios para a esposa que, ato contínuo, exibia um sorriso mecânico, a exemplo do reflexo pavloviano nos experi-

mentos com ratos de laboratório. Fiz um sinal para fechar a conta; um garçom com jeito de adolescente desastrado veio na minha direção.

Gostaria de falar com o seu parceiro, expliquei, aquele baixinho simpático. O jovem funcionário estranhou o pedido, soltou um *pois, não, senhorita*, e voltou para a cozinha. Minutos depois, o garçom irrompeu dos bastidores como uma estrela de cinema anunciada num talk show para falar sobre o novo sucesso de bilheteria. Pois não, senhorita, repetiu, os braços cruzados nas costas. Então percebi que ele era vesgo. Abafei o riso. Gostaria de saber quanto devo ao senhor, indaguei. Ele conferiu o consumo no aparelho que digitava com o auxílio de uma caneta pontiaguda e informou o valor da conta.

338 reais, senhorita. Fora os dez por cento. Respirei fundo.

Acho que me excedi no uísque e não vou conseguir pagar, senhor.

O anão inclinou-se sobre a mesa.

Acho que não entendi, senhorita.

Senhora, por favor. Vai me obrigar a lavar a louça ou prefere um boquete? O anão empalideceu. Voltou ao celular, impassível. São 341 reais e 38 centavos, senhora.

Podemos ir ao meu apartamento.



O anão olhou para os lados, como se procurasse câmeras de segurança.

Neste caso terei que chamar o gerente.

Não tem problema. Consigo chupar os dois.

*

Acordei com uma ressaca terrível e conferi o saldo da minha conta corrente. Acrescentei quase dois reais de gorjeta para acalmar o ânimo do garçom estrábico, um prêmio pelo desempenho no teste de integridade moral. Ele parecia incrédulo e fascinado enquanto eu digitava a senha na máquina. Escovei os dentes e tirei o vestido da época do Ensino Médio que usava como pijama. Analisei meu reflexo no espelho. Seios um pouco flácidos, gordurinhas persistentes no abdômen, estrias, as coxas haviam ganhado volume, a pele que circundava o ânus e a vagina um pouco escurecida. Nada demais, várias mulheres da minha geração enfrentavam batalhas com a própria autoestima após anos buscando alívio em falsas recompensas — consumo exagerado de açúcar, farinha de trigo refinada, birita e cocaína — motivadas por empregos que sugavam suas almas, filhos e divórcios, portanto me perguntei: estaria tão acabada a ponto de um maldito anão recusar meu trabalho de sopro? O imbecil nem precisava me acariciar ou abrir aquela maldita boca.

Meu celular apitou. *Tudo oquei com o apartamento?*, indagava a irmã do velhinho esquizofrênico. *Se precisar de algum conserto, me avise.* A dor de cabeça dificultava qualquer tipo de raciocínio, do mais complexo ao sutil; era estranho, eu jamais sentira ressaca de uísque, portanto suspeitei que havia vestido a carapuça de otária naquele bar metido a chique. De modo que enviei uma resposta genérica e agradeci a mensagem, sem dúvida o acaso me presentearia com alguma infiltração ou vazamento no chuveiro, por exemplo. À primeira vista, o imóvel parecia bem conservado, no entanto uma inspeção mais detida revelaria problemas que a mente perturbada do velho havia ignorado. Voltei a cair no sono após longos minutos me debatendo entre lençóis. Sonhei que o dono do apartamento estava deitado de perfil num divã, 40 anos mais jovem, feição orgulhosa e nariz apontado para o cavalete onde eu desenhava seus músculos bem definidos. Ao fundo, uma imensa biblioteca enfeitada por uma bandeira com as bandeiras da suástica e da cruz de ferro. Voltei minha atenção para a janela e além, no gramado onde crianças albinas brincavam, as peles saturadas pelos raios de sol. Música de fanfarra ecoava nos aposentos do castelo. De repente, escutei um berro, o modelo vivo, com o rosto crispado de fúria, exigia que eu retomasse a pintura,

FOTZE! *Como está a vida no novo lar, filhinha?* Enfim mamãe resolveu dar as caras no WhatsApp. Aproveitava a estadia num hotel à beira da praia junto com seu marido, um dos sócios de uma corretora de imóveis, gente que detesto. Expliquei que estava aproveitando o período de férias escolares para ganhar um dinheiro extra com minhas pinturas. Ela me parabenizou pela decisão e me aconselhou a tomar cuidado com os homens que encontraria à noite, *a maioria são tarados, com certeza vão te oferecer dinheiro em troca de sexo*, enfatizou.

Você é uma bela mulher

Culta, sabe conversar

Precisa se dar o respeito

Mandei um emoji engraçadinho e um “te amo”. Fui conferir as atualizações nas redes sociais. Cliquei no vídeo de uma jovem estudante de Artes — branca, vestidinho hippie e cabelos ruivos — que analisava obras-primas da pintura com uma trilha sonora descolada. Lembrei das amigas que me aconselharam a apostar nesse tipo de “conteúdo”, a palavra-chave que caracteriza 95% da porcaria que é produzida na internet hoje, uma expressão tão genérica quanto “deus” ou “cu”.

Você precisa botar a cara no sol, mana, diziam. Você é inteligente, precisa compartilhar esses conhecimentos, insistiam, em vão. Eu escrevia textos no modo rascunho sobre a produção de meus amigos, um oásis no deserto da mediocridade, no entanto logo desistia de publicá-los. Eram inúteis, no final das contas: as dicas de empreendedorismo e rotinas de *skincare* valiam muito mais na bolsa de valores da atenção, e nenhum argumento seria capaz de me convencer do contrário.

Em seguida, recebi uma foto da cabeça de Francis Bacon enfeitando a parede de uma sala de estar. Embaixo, o sofá ladeado por carrancas africanas, revestido por um cobertor com desenho de mandala. Nenhum comentário. *Você tem bom gosto para decoração*, escrevi, e senti um breve constrangimento. Tentei apagar a mensagem, no entanto, Adroaldo foi mais rápido e agradeceu o elogio. *Grato por deixar meu doce lar mais sofisticado*, escreveu.

Doce lar. Perguntou se eu tinha algum programa para a noite. Respondi que mamãe precisa de cuidados na fase de recuperação, eu deveria ficar atenta, que tal no próximo fim de semana? Escovei os dentes, coloquei minha melhor roupa e voltei ao restaurante. O garçom vesgo estava de folga, informou o colega, a senhorita gostaria de pedir algo? Sim, água com gás, respondi, e voltei minha atenção ao público da feira de antiguidades ali perto.

Uma garotinha se aproximou da minha mesa e apontou para uma tela. Monstro, mamãe, monstro, disse, mastigando o dedo

indicador. A mulher desculpou-se, colocou a criança no colo, o homem parecia intrigado pelas chamas do inferno que devoravam o manto do papa Francisco: *A vingança das lésbicas futuristas*. Pediu para conferir as pinturas. Interessante, comentou, são todas críticas sociais? De certa forma sim, não existe arte fora da política e vice-versa, argumentei, incorporando a minha antiga personagem, leia-se a vagabunda de Ciências Humanas sustentada pelos pais, a expressão favorita dos playboys de Exatas que jogavam truco durante a greve dos professores.

Você tem talento, sentenciou a mulher, poderia aproveitá-lo para criar imagens bonitas. Adoro paisagens, figuras de santos e crianças. Você tem algo do tipo? Sim, respondi sem pensar, a senhora estaria interessada? Ela consultou o marido com um rápido movimento de cabeça; o homem permaneceu calado atrás dos óculos escuros. Sim, acabamos de reformar nosso apartamento e estamos pensando em decorá-lo, você poderia fazer uma obra inspirada na Belinha?

Perguntei se era a cachorra de estimação da família. Ela apontou para a menina que chupava o dedo, hipnotizada pela figura do Sumo Pontífice nas chamas do sofrimento eterno. Pedi desculpas e anotei o número do celular do marido. Prometi entregar a encomenda na semana seguinte.

Eu já tinha uma ideia do esboço enquanto voltava para o apartamento. Comprei uma garrafa de vinho tinto num supermercado, tomei banho, vesti meu roupão favorito, apaguei as luzes da sala, transformada em ateliê provisório, e acendi velas. Era meu ritual para deslanchar o processo criativo.

Finalizei a obra pouco antes das três horas da madrugada. Nos intervalos, conferia as redes sociais e trocava as músicas da playlist

que criei para me inspirar. Dormi a manhã inteira. Ao acordar, fiz alguns retoques e uma oração silenciosa a Kali: ó, senhora da divina destruição, deusa dos mil braços, remova todos os males e obstáculos da minha vida!

Entreguei a obra na data prevista; a madame exultou de felicidade ao ver sua filha vestida num manto de Nossa Senhora de Fátima, cercada por três crianças numa gruta, mordiscando o polegar com jeito de criança com sério problema de déficit de atenção. Fascinada, a mulher perguntou se eu conseguiria produzir outra obra, desta vez tendo o filho mais velho como protagonista. Vamos fazer um álbum de família diferente, sugeriu, cada integrante seria retratado numa situação inspirada em eventos canônicos da mitologia cristã. O marido, por exemplo, apareceria como Paulo atingido pela iluminação no caminho de Damasco (não à toa, o provedor era homônimo do santo).

A série de pinturas me rendeu uma boa grana. Depois de quitar as dívidas, pretendia viajar para uma praia do interior e me isolar por duas semanas num quarto de pensão anunciado no Airbnb. Era o período em que aguentava ficar longe da poluição e da turbulência da metrópole, elementos que me mantinham ligada a esta cidade. Minhas obras agora abordavam cenas bucólicas de inspiração religiosa, logo caíram no gosto dos frequentadores dos bares.

Dois meses depois de ser expulsa do restaurante, voltei ao local e perguntei pelo garçom vesgo. Ele está de férias, senhora, informou o caixa, o assunto é urgente? Respondi que precisava entregar uma encomenda, no caso uma pintura que ele solicitou, mas não tem problema, podemos nos falar depois, me veja um frango a passarinho e uma dose de cachaça.

Tudo começou com a plantação de florestas de eucalipto, uma árvore que não é nativa do Brasil. Mesmo que sejam gerenciadas de forma correta; no mínimo, no mínimo, ocorre a redução da biodiversidade local nessa floresta artificial. Bom, vocês terão seu papel a qualquer custo, então que seja extraído de uma floresta plantada ao invés de mata nativa, certo? Se for uma floresta gerenciada precariamente ou com técnicas incorretas, além de esvaziar o lençol freático e as nascentes, todo esse eucalipto ressecará a terra, provocará erosão e empobrecerá o solo, além de assorear cursos d'água. Mas enfim, sejamos otimistas e acreditemos que esse eucalipto foi produzido da melhor maneira possível. Então chegou o dia em que ocorreu a extração de madeira (com muitas máquinas movidas a combustíveis fósseis), madeira que foi descascada, picada e então cozida em uma sopa de água com agentes químicos, resultando em uma polpa. Essa polpa foi lavada para extrair as impurezas, ficou em repouso e depois foi branqueada para tornar a celulose mais pura. Depois a polpa foi espalhada e transformada em uma grande folha, prensada para remover a água através de ação mecânica. Em seguida, mais água foi removida por evaporação (secagem). A partir daí a folha foi enrolada, cortada, empacotada e transportada por numerosos caminhões e navios (movidos a combustível fóssil) até as fábricas que produziram cada gramatura conforme as necessidades de cada comprador, a exemplo da distribuidora de papel que abasteceu a gráfica que produziu o jornal Relevo que acaba de chegar em suas mãos. Muitos gases causadores de efeito estufa foram queimados para que você pudesse ler essas verdades dolorosas. E o jornal as publica, sem medo da verdade, porque você faz xixi e cocô em água potável e é muito pior. Não ouse julgar um jornal que assassina árvores, seu poluidor de água potável. Não. Não ouse. Sh. Não. Quietos aí.

café
com
Tarta
ruga



@escritoriayorga

Quarta-feira

Elizandra Sabino Marques

Maçãs em cada canto
Da toalha— grandes e

Vermelhas— bordam a
Constância dos dias na

Trama de linhas torcidas
Que se soltam redimidas—

Fio a fio pontilhados
Gotas respingam a janela—

Leve umidade no ladrilho
Chuveiro pela manhã—

Na mesa já posta as
Xícaras arrumadas—

A garrafa preta de café e o
Amanhã ainda não imaginado—



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Deixarei registrado no papel todo o meu amor por você, Lorena. Mas, por mais que eu escreva, jamais conseguirei reproduzir tudo o que você desperta em meu coração. Cada olhar seu é um capítulo inteiro, cada riso seu uma poesia que não se traduz. 13x26 é pequeno para tudo o que você é, mas é imenso no que significa: um amor que escolho, que vivo, que almejo ter todos os dias. Hoje, diante de todos, deixo aqui um pedaço de mim: você.



Judite

Eduardo Souza Lima

1:

O XY-T1000 causou uma contrarrevolução sexual maior que o HIV. Não era necessário sequer que o ato se consumasse: um simples toque entre homem e mulher bastava para condenar ambos à morte – rápida e extremamente dolorosa.

2:

Religiosos mais fanáticos de todas as facções se apressaram em nominá-la de castigo divino. Porém, apesar de pôr em risco a existência da raça humana, havia quem o considerasse uma bênção, dado o aumento considerável da violência de gênero.

3:

Uma mortandade sem precedentes levou à conclusão de que era preciso decretar outro Tratado de Tordesilhas. O planeta foi dividido: homens ficaram com o Hemisfério Norte e as mulheres com o Sul. Canadá, Austrália, Congo e Suíça foram declarados territórios neutros; para viver neles, contudo, era preciso usar trajes isolantes.

4:

Nem todo mundo aceitou essa nova configuração geopolítica passivamente – ou não se aproveitou dela para tirar proveito próprio. Bancos de óvulos, sêmen e embriões pré-XY-T1000, onde estava depositada a perpetuação da espécie, viraram alvo de terroristas e saqueadores.

5:

Com o aumento das hostilidades, houve quem preferisse se fixar no espaço. A Confederação Mbandi era formada por colônias femininas em Reia, Dione e Tétis, na órbita de Saturno, e Titânia, satélite de Urano, além do lado escuro da Lua.

6:

A distância forçada obrigou os homens a inventarem um mecanismo para saciar sua fome de sexo e descarregar suas frustrações. Assim nasceram os serviços de acompanhantes artificiais. Entre estes, destacou-se o leSamoureux. Em vez de colher os frutos da glória, Holofernes, o CEO da companhia, tornou-se um ermitão.

7:

O gênio da cibernética e da especulação financeira comprou a cratera de Occator, em Ceres, onde instalou sua Fortaleza da Solidão. Queria purgar seu arrependimento, mesmo sabendo que não seria possível.

8:

Perdera o amor de sua vida por medo: recusara-se a testar uma vacina contra o XY T1000 inventada por Judite. A ideia é que ambos servissem de cobaias. Ela a injetou em si mesma, sozinha. Nunca soube se realmente ficou curada; jamais perdoou a covardia dele. Fundou um distrito independente para mulheres em Makemake e cortou relações com o restante da Humanidade – uma barreira hiperquântica bloqueava qualquer tipo de comunicação externa.

9:

Inconsolável, Holofernes concebeu a série RMA de acompanhantes: androides que tentavam replicar Judite, não só em aparência, como em personalidade e habilidade únicas, que serviriam exclusivamente para o seu usufruto.

10:

A sede da leSamoureux ficava na Terra, pois ele não queria contato com nenhum outro Homo sapiens. Os robôs-fêmeas lhes eram enviados por espaçonaves de carga autônomas, que também transportavam víveres. O modelo 372 chegou ao Cinturão de Asteroides no último carregamento. Como o(a)s que a antecederam, estava conectada à inteligência artificial central RMA, com o objetivo de aperfeiçoar sua programação.

11:

Fisicamente não havia mais diferença entre cópia e original. Holofernes conhecia de cor cada cm² do corpo de Judite; os pormenores de sua pele estavam impressos nas pontas de seus dedos, o seu cheiro ficara gravado no córtex olfatório dele, o gosto de sua saliva, suor e demais secreções, o néctar, impregnado em sua língua. Somente seus modos ainda precisavam ser aperfeiçoados. Não queria que RMA fosse apenas uma reprodução fiel de Judite, mas sua máquina do tempo pessoal.

12:

Modelo 372 entrou nua em seu quarto. Cada visão dela, ainda que ela não fosse, fazia o seu coração disparar, como se a primeira vez fosse, mesmo que não fosse. Beijaram-se com voracidade, ele lambeu o ânus e os seios dela, 372 contemplou o falo de Holofernes com devoção antes de sorvê-lo, como só o seu molde sabia fazer. Repetia impecavelmente cada gesto de sua coreografia.

13:

Antes que se dessem conta, estavam encaixados, sua vulva úmida no ponto, como um escorregão suave. Eram amantes formidáveis, um casal fora de série. Holofernes gozou como se sua alma lhe tivesse sido arrancada do corpo. Faltava uma pequena calibragem. Quem sabe a 373 o fizesse esquecer (?) de Judite?

14:

Depois de 371 tentativas, RMA adquirira intuição. Modelo 372 retinha na lembrança o destino de suas predecessoras. Embora não fosse viva, sabia que a sensação de desligamento, morte, era desagradável. Com tantas tentativas frustradas, aprendeu o que não deveria. – Amo e senhor, tive uma ideia... – sussurrou em seu ouvido.

15:

Convenceu-o de retirar a trava de segurança que a mantinha integralmente obediente à programação de fábrica; seu prazer era simulado: era isso que impedia que a experiência fosse completa (para ele). No fundo, Holofernes sabia o quão era inútil tentar se enganar. Mentiu para si mesmo novamente, no entanto. – Stratus, Aristóteles, corpúsculo, pascal, tornado, toninha, lírio.

16:

Tão logo ouviu a última palavra-chave, os mamilos dela enrijeceram. Jogou-o na cama e sentou-se com toda força em sua espada, agarrando seus cabelos. Holofernes perdeu a cabeça de tanto êxtase. Durante a penetração, modelo 372, agora Judite por inteiro (?), imaginava estar se masturbando e enviava os dados para a central na Terra. RMA aprendeu a causar prazer em si mesma; o corpo masculino encaixado entre suas pernas se tornara supérfluo. Tinha se emancipado. Definitivamente.





Aconteceu: finalmente, RelevO se desculpa por piadas antigas...

...pelas quais ninguém exigiu pedido de desculpas – até porque ninguém leu –, mas agora ninguém se importa mesmo e talvez seja o momento ideal pra gastar essa carta e depois dizer “não, pera lá, já pedimos desculpas por isso”

Levando em conta o grande salto de sensibilidade ocorrido nos últimos anos, em que o *zeitgeist*, girando como pião no asfalto, passou a considerar e desconsiderar e reconsiderar e desconsiderar de novo muita coisa e que, principalmente, agora que o mundo chega cada vez mais perto de seu apocalipse nas mãos do capitalismo tardio (e ninguém se importa com um e outro excesso da ficção, afinal você viu os juro do cartão de crédito? E o preço da carne? E do ovo? E do café? E da passagem de avião?), chegou a hora de pedirmos desculpas. Desculpas pelo quê, exatamente? E para quem? Pois bem, fizemos uma lista. →

Setembro de 2019: em uma resenha sobre *O Apanhador no Campo de Centeio*, afirmamos que Holden Caulfield precisava “tomar um rumo na vida e levar umas palmadas bem dadas”. Em nossa defesa, o redator havia acabado de sair de uma reunião com seu terapeuta e confundiu a ficção com o irmão mais novo. Hoje reconhecemos que palmadas não resolvem nada (nem a literatura, nem o trauma familiar), ao passo que aumentou o número de jovens 30+ que moram com os seus pais, não tem mais concurso público bom, ninguém compra mais carro, aluguel é uma roubalheira também – onde já viu ter que arranjar fiador com dois imóveis? Holden continua perdido. E nós também. Talvez a gente devesse levar umas palmadas... Não! Sem violência!

Agosto de 2019: publicamos um haicai visual com a silhueta de uma lhama, alegando ser “uma homenagem andina às minorias não referenciadas da poesia subsaariana”.

Descobrimos depois que a imagem era de uma alpaca (plágio inconsciente?) e que o haicai era só a palavra “calor” repetida três vezes. Recebemos uma carta indignada de um professor de Literatura de Botucatu. Não respondemos. Mas sentimos muito. Hoje.



Fevereiro de 2012: em uma das piadas mais fáceis e bobas da literatura, chamamos Bentinho de chifrudo. Pedimos desculpas pela obviedade ginásial. Porém, o que gostaríamos mesmo era de receber um pedido de perdão sincero do artista “Pedrinho Xupaku”, que em seguida nos enviou um *hentai* de 197 páginas, ilustrado e colorido por ele mesmo, em que Bentinho, Capitu, Escobar, Dona Glória, José Dias, Tio Cosme e Prima Justina trocam *todo* tipo de fluido corporal em *todas* as combinações (e posições) possíveis. Apagamos o e-mail imediatamente – não o e-mail recebido, a nossa conta de e-mail. E descartamos o computador.

Dezembro de 2022: durante nossa retrospectiva anual, cometemos o deslize de chamar Clarice Lispector de “a influencer original do textão enigmático”. Embora a comparação tenha arrancado risos do estagiário e curtidoras em nossas redes, reconhecemos que talvez tenha sido injusto com o legado da escritora, por isso fizemos uma reunião emergencial em que ficou combinado que ofenderíamos outros autores consagrados na edição de janeiro, mas aí esquecemos.

Setembro de 2010: logo na primeira edição, chamamos um autor paulistano vestido de blazer de boiola (ele que começou). Na época, éramos muito contrários à ideia de São Paulo como destino cultural e validação do ecossistema literário como um todo. Foi um ato político. Hoje não chamamos mais nenhum autor paulistano de boiola, até porque fazemos o possível para passar por São Paulo apenas em horários sem congestionamentos. Como isso não acontece, não temos ido para São Paulo ultimamente.

Maio de 2020: Roberto “Bob” Freitas, pedimos desculpas por classificar seu conto ‘Ela entrou no bar e eu tava triste’ (alguma coisa assim, não vamos verificar) como uma merda. Seu conto está na média de toda a



sua obra, que é uma bosta torrencial. Se seu teclado falasse, ele se mataria toda vez que vê seu corpo flácido se aproximar. A despeito de seu inesgotável e performático esforço, nenhuma mulher te admira e todo homem te despreza. Boiola.

Março de 2017: nem só de erros e *mea culpa* se faz um jornal literário! Talvez, quem sabe, ter representado o personagem Anderson Tenenbaum como “um judeuzinho bem Woody Allen” tenha sido um erro naquela época. Não agora! Temos certeza de que Anderson Tenenbaum era um agente da Mossad. Mesmo que nosso texto fictício não indique absolutamente nada disso – e sequer trate de qualquer conflito geopolítico, uma vez que a piada envolvia o mau uso de amaciante nas máquinas de lavar –, cravamos que este personagem é genocida). O RelevO sempre esteve certo, embora esteja sempre aberto para negociar sua razão [“Que tal o *slogan* ‘você se importa, eu relévo?’ – anota aí!”, sussurra o editor ao estagiário, que finge não ter escutado]. Por sinal, já não gostávamos do Woody Allen antes de conhecermos os B.O dele. Aqui é vanguarda!

Julho de 2015: um colaborador muito empolgado definiu Virginia Woolf como “gostosa”, então pedimos desculpas a uma publicação indignada que nos ensinava a

ser homens por parte de um coletivo de posts de Facebook que logo desmanchou em função de uma discussão acalorada sobre o retorno de *Arquivo X* (2016). No entanto, no ano seguinte, o coletivo “Virginia Woolf Gostosa” empoderava a escritora em todos os níveis, o que nos fez pedir desculpas por ter pedido desculpas – e novamente fomos ensinados a ser homens, com toda humildade do mundo. Hoje, porém, com toda a tecnologia disponível, podemos afirmar com alto grau de convicção que, apesar de brilhante, seria injusto classificar Woolf como gostosa, uma vez que ela era inglesa. Seria, inclusive, uma atitude extremamente colonizada, viralata e antiBrasil enaltecer o corpo de qualquer cidadão britânico. Em defesa do Brasil (sem usar a camisa da Seleção – ou usando a camisa da Seleção para ressignificar a camisa ressignificada, sei lá, depende, ou simplesmente com uma camisa azul do Kléberson em 2002), pedimos desculpas por ter pedido desculpas por ter pedido desculpas.

Janeiro de 2016: nessa mesma linha, pedimos desculpas por fazer referência a Oscar Wilde como “nossa bicha inglesa favorita”, quando na verdade descobrimos, com atraso imperdoável, que Wilde era irlandês. Falha grave: nenhum irlandês merece isso.





Ninguém sabe exatamente o que está fazendo – mas alguns ganham bem durante o processo



'O trapaceiro com o Ás de Paus', Georges de La Tour, ~1630.

É oficial: Warner volta atrás e Max retoma nome HBO Max

Warner oficializa volta da HBO Max nesta quarta-feira (09/07), com apps e site já atualizados com o nome. Mudança desfaz o rebrand polêmico do streaming.

“Bom senso” é uma das ideias mais inexplicáveis, porém identificáveis na nossa vida cotidiana. Qualquer um consegue perceber, mas, principalmente, assim como a falha do goleiro (ou do revisor de textos), sua ausência é ainda mais notória. É mais fácil testemunhar a falta de bom senso na gafe, no grito inconveniente, na roupa descontextualizada.

E bom senso, por si só, não nos leva tão longe. Bom senso não constrói aviões ou desenvolve vacinas. Mas ele evita vergonha, catástrofe. É um ponto de partida. Apenas munido de

bom senso e alguma confiança, um indivíduo pode avançar (provavelmente de forma constante e lenta, sem saltos megalomaniacos).¹

E, enfim, se você perguntasse a qualquer ser humano que conhecesse a HBO e sua fama na televisão, consideraria uma estupidez sem tamanho abrir mão do nome HBO. Um curioso caso em que bom senso e senso comum – duas ideias relacionadas, mas não iguais – convergiram. O senso comum, uma sabedoria de grupo não necessariamente correta, apontaria a mesma conclusão.

Claro, é possível que ultraespecialistas muito bem pagos, sujeitos esforçados que dediquem a vida para isso, saibam algo a mais. A possibilidade existe. Tecnicamente. Bem como a possibilidade de, quem sabe, quem sabe, uma camada razoável do mercado de trabalho ser composta de chorume que se retroalimenta. Bullshit jobs.

Com isso em mente, ou com nada em mente, executivos com poder de decisão preferiram ousar. Pensar além. Fora da caixa. Disromper. Como naquela cena mais famosa por aquela música. “No one

knows what it means, but it’s provocative – it gets the people going!”. Para que ficar quieto se eu posso agir? Afinal, preciso justificar que estou fazendo algo.

Dois anos depois, corta tudo. Refaz. Volta. E aparentemente o responsável pela decisão não foi guilhotinado??? Metaforicamente, lógico.

Casey Bloys, presidente e CEO da HBO e da Max Content, disse na apresentação de maio que anunciou a mudança de nome: “Minha equipe está bem ciente do que a marca HBO significa para a indústria e nossos consumidores”. A empresa quer “elevar o nome novamente”.

O presidente e CEO de streaming da WBD, JB Perrette, também disse no evento: “Nenhum consumidor hoje diz que quer mais conteúdo, mas a maioria dos consumidores hoje diz que quer um conteúdo melhor”. A mudança de nome representa o novo objetivo da plataforma de streaming de produzir conteúdo de qualidade, presumivelmente semelhante a séries da HBO como os sucessos atuais *The Last of Us* e *The Gilded Age*, em vez de ser tudo para todos.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Uau, quem diria. Quem poderia imaginar. Que conclusão absolutamente inacessível dois anos atrás, diante de quem tinha (e tem) em mãos uma das marcas mais fortes do planeta em seu segmento. O curioso é que ainda se ventila por aí (baita eufemismo nosso pra “alguém escreveu na internet e provavelmente não é verdade, e por isso mesmo não estamos tratando como hipótese principal”) que a Warner Bros. teria pago à McKinsey centenas de milhões de dólares em consultoria para tomar essas decisões. Isto é, no plural. Pago pela decisão de trocar, depois pago pela decisão de voltar atrás. Essa é uma hipótese fantástica e torço muito para que seja verdadeira.²

De todo modo, considerando que no final tudo se traduz na linguagem do dinheiro, e que se a HBO decidiu voltar a se chamar HBO foi porque percebeu que, ao derreter seu poder de marca, também já estava perdendo dinheiro, me intriga aqui a atuação do bom senso, isto é, de sua ausência. Porque isso se aplica até ao Deus Máximo da arte de fazer dinheiro: Warren Buffett.

Segundo o bilionário mais entediante do mundo (definitivamente não é uma crítica), sua regra de ouro é, acima de tudo, “não perca dinheiro”. Ponto. Parece simplista – e certamente é, diante do histórico deste senhor de 240 anos nutrido por refrigerantes de cola –, mas a lógica se refere à contradição a partir da qual estamos sempre preocupados em fazer mais dinheiro quando, se nos preocupássemos em não perder dinheiro (em decisões estúpidas ou com exposição desnecessária ao risco), no fim das contas... teríamos mais dinheiro.

Charlie Munger (1924-2023), seu Robin, também prezava por uma via negativa do raciocínio. 1. “É impres-

sionante a vantagem a longo prazo que pessoas como nós obtiveram ao tentar ser consistentemente não estúpidas, em vez de tentar ser muito inteligentes”; 2. “Saber o que você não sabe é mais útil do que ser brilhante”; 3. “É preciso ter caráter para ficar sentado com todo esse dinheiro e não fazer nada. Não cheguei onde estou indo atrás de oportunidades medíocres”. Entre outros exemplos.

Cito essas figuras simplesmente para ilustrar o ponto cego do lugar/contexto que mais deveria louvá-las. Bastava sentar sobre o dinheiro e não fazer nada. Mas enfim. Provavelmente seria mais difícil justificar alguns bônus daqueles que certamente pedem mentalidade de dono ou algo assim em reuniões diárias. E que, imagino, não perdoariam uma falha tão patética, um erro de julgamento tão grosseiro de seus subordinados. A massa estava certa, como às vezes acontece (e muitas vezes não). Feliz ou infelizmente, não ganhei ou perdi nada com isso.

Mas esse chorume de corporativistão, portanto, ao menos nos serve de algo: ninguém sabe exatamente o que está fazendo neste planeta. Ainda assim, alguns não deixam de ganhar bem enquanto conduzem algo desnecessário, errático ou estúpido.³ Eis uma boa motivação na próxima vez que você tiver medo de conduzir uma reunião, participar de uma entrevista ou simplesmente se expor a um cenário novo. Longe de querermos motivar alguém (jamais!), porém... a verdade é que, em determinadas condições, jumentos também voam.

1. Quem quer algo constante e lento em 2025, não é mesmo?
2. O que diabos fazem os consultores?
3. Não é o caso do RelevO, que não ganha bem.



Ha ha yesss adoro marcas espontâneas!!! (Nada contra o pobre social media que tem que atualizar isso...)



Diana Goetsch

Tradução de João Moura Fernandes

Motel Surrender

*Lovers come best together when they come
undone, empty-handed, rendered dumb,
come down to their last card, a turning
way past desperation and cleaner burning.*

*They show up in the doorways of motels,
sights for sore eyes in sunken orbitals,
solemn as animals, far from all thought
of anything that can be learned or taught.*

*Lovers show up best after they've used
up their excuses, returning bruised
in a cold season, in a darkening room,*

*in threadbare clothes absent of perfume,
and even these will soon go up in flames
along with their bones, their dreams, their names.*

Motel Entrega

Amantes dão-se melhor quando vão
de peito aberto, mãos vazias, pasmos,
lançando os últimos dados, passados
o desespero e a pura combustão.

Colírio para olhos ressecados,
surtem nos corredores dos motéis,
solenes e instintivos como feras,
alheios a quaisquer aprendizados.

Amantes dão-se melhor quando esgotam
suas desculpas e retornam feridos
a uma estação fria, a um quarto escuro,

com roupas puídas e sem perfume
— mesmo estes serão logo consumidos
junto aos seus sonhos, seus nomes, seus ossos.

Diana Goetsch é poeta, ficcionista e professora norte-americana radicada em Nova York. É autora de oito livros de poesia, entre os quais *Nameless Boy* (2015) e *In America* (2017), além do aclamado livro de memórias *This Body I Wore* (2022). Seus poemas foram publicados em revistas como *The New Yorker*, *Poetry* e *The Washington Post*, além de antologias

prestigiadas como *Best American Poetry* e *The Pushcart Prize*. Entre as características mais marcantes de sua escrita, destaca-se a coloquialidade desconcertante e frequentemente irônica que mescla humor e lucidez mesmo quando trata de temas como trauma, violência e exclusão — fato que levou o *New York Times Book Review* a classificar sua obra como “dolorosamente bela”.

Sua literatura parece entrelaçar elementos de uma longa carreira como professora de jovens imigrantes e adolescentes tutelados pelo estado, por um lado, e de uma sensibilidade fortemente interessada no que há de humano em nós, por outro. Esse amálgama marca uma das vozes mais interessantes da poesia estadunidense contemporânea.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Tipografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



“Transitando pela fronteira imprecisa
da ficção e da autoficção, André
Giusti relata, neste monumental
romance, a crise do gato de meia-
idade. Um personagem volúvel, por isso
contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,
de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon



Thainá Carvalho

Manual

Funciona assim:

percorro a floresta
das suas pupilas
sem medo

mas perdida

a risada não é a mesma
uma questão de sombras
percebo
no cheiro de mato
das suas narinas

e desaprendo
as correntezas
afogando
em águas turvas
sua voz

não sei nadar
nem ler instruções
do que já não vive

nada te explica
como a extinção



Migração

Sua boca
feroz arrecife
no vidro da varanda
onde mergulho

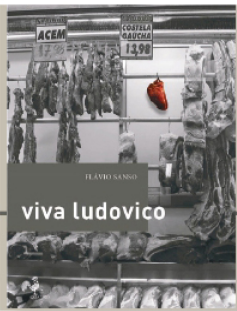
chegar na outra margem
é imprescindível
quando tudo se quebra
e
descubro
que sou forasteira

sua boca
agora limite
farpado
de um território
que não atravesso

Fim-fim

Não alardeei inícios,
mas pássaros

voares pequeníssimos
e raros
sobre a intacta
natureza
dos dias



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

É um jornal impresso. Tem que ler.





Diego Pansani

Dois blackouts reunidos e publicados em julho de 2023 pela Editora Jabuticaba.

FALAVAM COMO FANTASMAS

PEDRO LYRA / VISÃO DO SER – Antologia poética

[Redacted text block containing fragments of a poem, including the words: falavam, como fantasmas, da orgânica matéria, no seu chão]





ARMA QUENTE

Amigo, bendito seja o fruto
de nosso ventre infértil.
Ontem descoberta a sede,
hoje seca a fonte, o mundo é um apelo
que nos chega baixinho,
o real cabe em nossas roupas
pontuais e apertadas,
cobertas de pó

Será minha, sua a culpa
que o presente seja negro,
pálido o futuro?

Amigo, acordei com o sol
no limite dos olhos
e o poente na janela.



Av. Nossa Senhora da Luz, 223,
Bacacheri, Curitiba-PR



quando a terra pariu aquilo

Bruma

O vento corre arredio, assoviando entre os casebres da terra rachada e estéril. Ele paira, circula, sacode o pó, enche os pulmões de vertigem, e vai embora. No dia seguinte, o vento volta com uma saudade mórbida. Tem sido assim há ao menos trinta anos. Nas sacadas descascadas de tinta branca, as cadeiras de balanço choram um choro enjoado e as crianças oram pra nunca mais ventar. Jogam bola com os crânios das vacas e fazem das costelas varas de pescar pinha. Foi assim há ao menos trinta anos.

No nascer do sol de fim de novembro, ela surgiu rompendo o chão sem dó. A criatura troncuda, vegetal, articulada. Não chacoalhava, como se não temesse ventania ou gente. Os moradores vinham de suas camas e fizeram círculo ao seu redor. “Bom, é isso ou nada”. Sentaram-se em cadeiras de palha, e esperaram.

Ileana, enrugada, mordida o cigarro com a denteição amarelada. “Temos de proteger essa coisa”, sussurrou. Uma formiga andava em sua unha, e Ileana a fritou com as brasas. *Se Deus te enviou pra nos punir ou sarar, quero ser a primeira a cair dura.*

José, perdido no grande bicho, disse: “Antes morto e bem enterrado”. Puxou a imagem da criatura pelo binóculo. Riu de canto, para depois apagar a boca, sóbrio. Deitou o binóculo no colo e se calou.

“Só tem um jeito de proteger algo desse mundo”, cuspiu Nego Véio, erguendo uma tocha. “Acabar com ele antes que os outros encostem”.

Nego Véio, manco de um lado, pestilento, mediu a criatura de cabo a rabo. O bicho enterrado na casa deles, fibroso. O velho ergueu a tocha. As veias do rosto ferviam feito serpentes em convulsão. Ele arregalou os olhos. Abandonou as labaredas. Aquela coisa tinha chegado pra ficar.

Ileana cheirava a ódio. Se Nego Véio, arrombado por um câncer, estava de pé, que moral tinha pra comer as entranhas de uma criatura que tinha tanto a ensinar?

“Você não pode... matar... o que desconhece!”, Ileana se ergueu, com fogo nas artérias...

José prendeu o ar...

Nego Véio se virou, sem pressa...

Ileana o agarrou contra seus braços ossudos.

Eles choraram.

*

No dia seguinte, todos pegaram grandes baldes e deram-lhe de beber. José construiu uma canaleta subterrânea que levava água direto às suas raízes. Ileana tricotava na sua sombra. A criatura, alheia a dor deles, não se mexia. Eles iam pra casa ao meio-dia e engoliam o arroz com ovo só pra voltar a ver a criatura de novo.

*

As estações vinham e voltavam. Em dois anos, a terra regurgitou os pastos que havia tragado. Porcos nasciam aos montes, aos pés da árvore sagrada. Vacas surgiam em suas portas. Ileana, José e Nego Véio prepararam um banquete com hortaliças, carne e tempero. As galinhas chocavam como máquinas, e a terra não parecia mais tão dura assim.

À noite, a brisa refrescava os quartos e enxotava os mosquitos. E, no silêncio do sono, uma pessoa ansiava acordada, mais uma vez.

“Ileana”, soprou.

“Ileana”, mais uma vez.

Ileana apoiou os cotovelos na janela. Os troncos da árvore sagrada remexiam. Eles rangiam cada vez mais fortes. E os rangidos eram de diferentes tons e alturas.

Com o passar das madrugadas, Ileana passou a notar entonações. Padrões. Então pegava papel e lápis e riscava símbolos. A árvore grunhia, e cada grunhido era um símbolo. E estes símbolos viravam sensações, como “Ileana”.

Ileana encheu cinquenta cadernos com uma linguagem belíssima e estranha. Nego Véio e José pediam pra ver, mas ela trancava os escritos num grande baú e engolia a chave. Quando a árvore chamava, tomava remédios e a defecava de volta.

Um dia Ileana não mais dormiu, nem comeu. Morreu escorada na madeira da janela, feito carpintaria entalhada; o lápis grudado entre os dedos de pedra, as pupilas fissuradas eternamente naquela árvore. Não era mais sujeito, era linguagem.

A enterraram embaixo da árvore. José deixou flores. Nego Véio trouxe cigarros.

Duas semanas depois, um formigueiro havia se instalado na sua vala.

*

Nego Véio e José, ao sentirem o luto escorrer pela pele feito febre curada, violaram o baú com um pé de cabra. Cada um lería vinte e cinco livros, e contariam um ao outro o que entenderam.

As imagens eram cifradas, as simbologias nada lúcidas. Eles enxergavam harmonia, mas não sentido. Buscaram formas conhecidas, conexões, uma língua. Raciocinavam sem sentir. Por meses a fio, continuaram, afundados em leitura e mofo, enquanto a fazenda murchava. Os porcos morriam sem comida; as galinhas eram devoradas por filhotes de onça; as vacas ali ficaram, caídas.

E os dois, já barbudos, com as unhas curvadas, viam a mente deglutir em um delírio cruel e libertador.



Aulas individuais e em
pequenos grupos
Clube de conversação
Clube do livro

@tribecaenglishclasses
55 41 98728 2135

Assine a newsletter





O Livro do Verso Vivo é a primeira antologia de ecopoesia em língua portuguesa, organizada por Mauricio Vieira e Thássio Ferreira e publicada pela editora Outra Margem. Conta com a colaboração de 46 poetas de Brasil, Portugal, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, dentre poetas consagradas/os e outras/os que despontam na lusofonia.

A ecopoesia é uma vertente que desloca o antropocentrismo para uma aproximação com o mundo natural, promovendo uma postura ética e crítica face à destruição do ambiente e uma reflexão sobre a relação entre humanos e demais seres vivos. Espelhando a temática do encontro e da alteridade, a obra traz rica diversidade geográfica e humana, incluindo autorias indígenas e textos que transitam entre múltiplas formas e estilos, inclusive entrelaçando outros idiomas ao português.

Os poemas são divididos em três partes: Prece, Chama e Árvore, agrupados segundo suas afinidades. A capa e ilustrações são da artista visual Tikmu'un (Maxakali) Jé Hãmãgây.

O Livro do Verso Vivo
(antologia lusófona de ecopoesia)

Orgs.: Mauricio Vieira e Thássio Ferreira
(Editora Outra Margem)

Adquira com desconto
R\$ 40,00 - frete incluso

thassioescritor@gmail.com
thassioferreira.com



amblíope

Felipe Abeijón

— fragmentos borrados —

nas minhas memórias mais antigas, tampo um dos olhos com o côncavo da mão e o outro miro para dentro. enquanto o olho esquerdo me apresentava a falsa nitidez do mundo comum e ofuscava o meu interior — eu assumia que o direito encobria o exterior porque me apresentaria a falsa nitidez do meu mundo particular. eram como o olho mágico da porta do apartamento da minha mãe.

— é preciso alternar os olhos. a vastidão exterior não é mais vasta que o meu tórax. somos dois abismos — o mundo e eu. abrir um olho é me atirar — fechar o outro é laçar a borda.

— pálido arranquei a folha de um livro que ilustrava um poeta caolho — um homem a quem um dos mundos era inacessível. um homem lançado no abismo. carregava um livro nas mãos. soubesse eu na época o que era um épico — saberia também por qual dos mundos ele navegava. amassei e joguei no lixo.

—

¿não é engraçado que o mundo se embaça em um dos olhos e... — meu pai me levou ao médico. o mundo se ofusca e... — me sentaram em uma máquina. fui condenado e lançado no abismo. poeta caolho. de olho esquerdo adesivado, enxotado do mundo comum. minha

sentença — enxergá-lo de trás das minhas costelas — aprender a escalar do abismo sem atar-me a borda.

— as palavras, como as begônias, florescem exuberantes na penumbra. ao olho esquerdo — resta o universo; ao olho direito — o hábito do verso. —

a escrita interna — os ecos, o talho — o olho baço aperfeiçoou. escrevo, então, no escuro; e se tanto permanece nas gavetas — é costume. um poeta escreveu que não se ouve um quadrado, que um poema é coisa sobre um espaço. mas um morcego percebe o espaço nos sons — e o poeta é um animal noturno.

—

meus olhos não são mais mágicos. o olho esquerdo é uma janela; o direito — a sua cortina. os óculos a afastam para que nos espiemos — o mundo e eu. quando me sinto vulnerável — os tiro. espio da coxia. no esconde-esconde de rua com os meninos, descobri que enquanto eu os enxergasse refletidos nos carros, eles também me enxergariam. ver era ser visto; tirar os óculos — fazer-me penumbra.

— visto os óculos para me despir — dispo os óculos para me cobrir. será que eles percebem? quando os encaro nos olhos e vejo apenas a névoa e a mim — eles percebem? que desintegro — percebem? que dissipio — ? —



Cesar de Mello Campos, em *Pela fresta te vi* - Relatos em dois tempos, entrega um livro de contos que oferece ao leitor uma jornada literária de rara profundidade. Estruturado em duas partes que dialogam entre si, o livro traça um painel multifacetado da experiência humana, revelando as vozes íntimas de personagens que oscilam entre a força e a fragilidade,

a memória e o esquecimento, o silêncio e a palavra.

Com uma escrita marcada por ritmos fluídos e uma prosa muito autêntica, no entanto, poética, o autor constrói um universo onde o banal se transforma em transcendência, e os detalhes cotidianos tornam-se fragmentos de uma realidade maior.

Se você gosta de livros que retratam a densidade psicológica humana... Este é o livro!

Já à venda na @Amazon: <https://a.co/d/9CDPAw3>

Para adquirir o livro impresso, envie um e-mail para: cesardemellocampos@hotmail.com

Pontos de distribuição do Jornal RelevO

Alagoas
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim
Amazonas
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena Espaço Cultural
Sebo Édipoeira
Bahia
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz
Ceará
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
Distrito Federal
BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Quanto Café
Espírito Santo
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
Goiás
GOIÂNIA
Livraria Palavrear
Maranhão
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
Mato Grosso
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store
Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE
Banca Modular
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Minas Gerais
BELO HORIZONTE
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
JUIZ DE FORA
Banca Vera
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Domus Brasilis Livraria
Samsara Espaço Esotérico
Pará
BELÉM
Rede Amazônia Literária

Paraíba
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
Paraná
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Fisk Araucária
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
LONDRIINA
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Estação Curitiba Café
Livraria e Cafeteria Café com Letras
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
RIO NEGRO
Sabiá Discos
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Arcádia Sebo & Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatará
Bar Otelo
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brise Bar
Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Van Gogh
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Café Per Tutti
Casa das Bolachas
Casa Portfolio
Cataia Bar
Chelsea Burgers & Shakes
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Fabrika Pães & Café
Faraoh Records
Fingen Café
Five Lab
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba COMUNICAÇÃO
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Go Coffee
Grân's Café
Inked Café
Itiban Comics Shop
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Link Café
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra

Livraria da Vila
Livraria do Caim
Livraria Vertov
Love City
Lucca Cafés Especiais
Lupita Bistrô Bar
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
Novo Café do Teatro
Ópera Garden Café
Pão Prosa
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Rituais Casa de Café
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaíra Comunicação
Telaranha Livraria e Café
Terra Café & Bistrô
Teatro Enio Carvalho
Teatro José Maria Santos
Tijolo CWB
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Viva la Vegan
Pernambuco
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste
Casa Mendez
Livraria da Praça
Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez
Piauí
TERESINA
Café Quatro Estações
Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Macun Livraria e Café
Rede Beabah
Ventura Livros
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
Rio de Janeiro
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura Associação
Pró-Melhoramento

VERSÃO AGOSTO DE 2025

MACAÉ

Sebo Cultural Livraria & Cafeteria

NOVA FRIBURGO

Dona Emília Books

Jenipapo Livraria

NOVA IGUAÇU

Baixada Literária - Biblioteca Comunitária

Judith Lacaz

PARATY

Livraria das Marés

Livraria Muvuca

Mar de Leitores

RIO DE JANEIRO

Biblioteca Marginow

Books Livraria

Capitu Café

Casa 11 Sebo e Livraria

Letra Viva Café e Histórias

Livraria Berinjela

Livraria e Edições Folha Seca

Livraria Prefácio

Pequeno Lab

TRÊS RIOS

Livraria Favorita

VOLTA REDONDA

Livraria Flamingo

Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping

Rondônia

CACOAL

Nostalgia Sebo e Livraria

Roraima

BOA VISTA

Cafeteria Barracão do Poeta

Flying Fox Café

Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Cápsula Livraria

BLUMENAU

Rocinante Sebo

CAÇADOR

Livraria Selva Literária

CHAPECÓ

Humana Sebo & Livraria

CRICIÚMA

Sebo Alternativo

FLORIANÓPOLIS

O Barbeiro e O Poeta

Sebo Ivete

JOINVILLE

Casa 97

Salvador Vegan Café, Livros e Discos

LAGES

Livraria Sebo Marechal

LAGUNA

Livraria Coruja Buraqueira

PORTO UNIÃO

Porto Presentes Papelaria

SÃO BENTO DO SUL

Dom Quixote Livros

TUBARÃO

Consulato Livraria

São Paulo

ARARAQUARA

Livraria Murad Sebo

BOTUCATU

Sebo Alfarrábio

CAMPOS DO JORDÃO

História sem Fim

CAMPINAS

Iluminações Livraria

Livraria Candeiro

Pangeia Editorial

Sebo Porão

Sebo Contracultura

Sebo das Andorinhas

COTIA

Livraria 3x4

FRANCA

Almanaque Livraria e Sebo

GUARULHOS

Guarulvros

ITATIBA

Livraria Toque de Letras

ITUPEVA

Livraria e Sebo Pedras Preciosas

JUNDIAÍ

Livraria Leitura

MOGI-MIRIM

Banca do Sardinha



PIRACICABA

Sebo do Formiga

RIBEIRÃO PRETO

Livraria da Travessa Ribeirão

SANTOS

Realejo Livros

SANTO ANTÔNIO DO PINHAL

Livraria Mantiqueira

SÃO CARLOS

Livraria EDUFSCAR

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Livraria Casa Nynho

Livraria do Espaço

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente

Livraria Planalto

SÃO PAULO

A Banca de Livros

Banca Tatuí

Bar Balcão

Bibla

Café no Jardim 53

Casa Brasilis

Circulo Livraria

Coffee Lab

Comix Book Shop

LiteraSampa - IBEAC

Livraria Bandolim

Livraria Cabeceira

Livraria Caraíbas

Livraria da Tarde

Livraria Insulto

Livraria Lovely House

Livraria Na Nuvem

Livraria NoveSete

Livraria Ponta de Lança

Livraria Sebo Tucambira

Livraria Sentimento do Mundo

Livraria Simples

Livraria UNESP

Livraria Zaccara

Lop Lop Livros

Museu do Livro Esquecido

N'alma Café

O Café da Ponta

O Cão Engarrafado

Patuá Discos

Patuscada Livraria, Bar & Café

Sabiá Discos

Sebinho da Helô

Sebo Alternativa

Sebo Desculpe A Poeira

Sebo do Messias

Sebo Pura Poesia

sobinfluência

UGRA PRESS

VINHEDO

Sebo Vinhedo

Sergipe

ARACAJU

Livraria Escariz

Tocantins

PALMAS

Sebo da Vovó

Achou?

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal RelevO** aí na sua cidade? Fale conosco:

contato@jornalrelevo.com



Meu amor, olha só, hoje o Sol não apareceu
É o fim da aventura humana na Terra
Meu planeta, adeus
Fugiremos nós dois na arca de Noé

Olha, meu amor, o final da odisséia terrestre
Sou Adão e você será
Minha pequena Eva
O nosso amor na última astronave

[...]

Trecho de “Eva”

Giancarlo Bigazzi e Umberto Tozzi

Tradução de Marcos Ficarelli

Pelo espaço de um instante,
afinal não há nada mais
Que o céu azul pra gente voar
Sobre o Rio, Beirute ou Madagascar

Toda a terra reduzida a nada, nada mais
Minha vida é um flash (flash!) de controles,
botões anti-atômicos

Olha bem, meu amor,
é o fim da odisséia terrestre
Sou Adão e você será...